



JORNAL IGREJA NOVA®

SANTO PADRE, OLINDA E RECIFE ESTÃO COMO OVELHAS SEM PASTOR . SOLIDARIEDADE !

76 ANO IX - SETEMBRO/99

UM ESPAÇO PARA OS LEIGOS CATÓLICOS DE OLINDA E RECIFE

EDIÇÃO ESPECIAL: O DOM DA LIBERTAÇÃO

EDITORIAL

Hoje a Jerusalém Celeste está em festa. Era noite aqui mas lá é um dia eterno, cuja luz não mais do sol provém, e sim da própria Luz. Não há trevas, nem sombras. Toda lágrima está enxuta. Do centro jorra uma fonte de água, eterna como o próprio dia, tão pura como a própria luz, pois como já disse o poeta, água é luz e luz é água. Se nos banhamos de sol aqui, quanto mais lá...!

Está chegando um profeta nesta cidade. A cidade do Rei-Pastor-Sacerdote.

Lá está ele, baixinho, com sua batina surrada e o crucificado no peito. De braços abertos, tão abertos que o gesto a todos abraça. Olha lá o Francisco, a Clara, o Vicente, o Cristinho lhe segurando a mão, o Lamartine e tantos outros irmãos que não podemos mais contar.

Mais uma estrela se acendeu no céu. Um brilho especial ela tem. É o brilho do olhar do profeta que para toda nossa noite nos mandará, agora por diante, um piscar de luz.

Um abraço D. Helder, não esqueça de nós.

HELDER CAMARA (1909-1999)

FREI BETTO

Dom Helder Câmara até ontem, como diz São Paulo na 1a. Carta aos Coríntios, conhecia Deus "como por um espelho, de modo confuso". Agora, conhece-O "face a face".

Meu primeiro contato com o "arcebispo vermelho" foi em 1961, quando eu era dirigente, em Minas, da Juventude Estudantil Católica e ele, bispo responsável pela Ação Católica Brasileira. No ano seguinte, levou-me para o Rio, para participar da direção nacional da JEC. Convivemos durante três anos. Ele tinha seu escritório no palácio São Joaquim, no Largo da Glória. Do outro lado da praça, sob o Outeiro, ficava a sede da CNBB, da qual dom Helder foi o fundador e, por muitos anos, secretário-geral.

As refeições, ele tomava num botequim da esquina, entre pedreiros e cachaceiros.

Na Igreja católica, foi o pioneiro do movimento renovador conhecido por "opção pelos pobres". Fundou a Cruzada São Sebastião, empolgado em sua utopia de erradicar as favelas cariocas. Não deu certo. Instalados em apartamentos, os favelados, instigados pela miséria, arrancavam torneiras, encanamentos e instalações elétricas para vender, e muitos sublocavam a moradia em busca de renda.

Dom Helder Câmara descobriu então que uma só andorinha não faz verão e que a pobreza não resulta da indolência, mas de "estruturas injustas", conforme faria constar, em 1968, no documento episcopal de Medellín.

Durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), o "bispo dos pobres" promoveu uma articulação entre cardeais e bispos de todo o mundo em favor da inserção da Igreja nos setores populares. Propôs ao papa João XXIII entregar o Vaticano e suas obras de arte aos cuidados da UNESCO, como patrimônio cultural da humanidade, enquanto o papa passaria a morar, na qualidade de bispo de Roma, numa paróquia da capital italiana. Ele sonhava com uma Igreja menos imperial e mais parecida com a comunidade dos pescadores da Galiléia.

No Rio, dom Helder Câmara contava com o apoio de um grupo de leigos, homens e mulheres, conhecido como "a família messejanense" - referência à Messejana, distrito cearense no qual nasceu. A "família" teve o privilégio de receber, em forma de cartas, o diário do arcebispo durante o Concílio, onde ele narra, sem censura, os

bastidores do conclave - documento de inestimável valor a ser divulgado após a sua morte.

Dom Helder nunca cedeu às pressões de quem pretendeu torná-lo, como JK, prefeito do Rio, senador e até presidente da República. Arcebispo de Olinda e Recife, jamais aceitou morar em palácio. Fez dos fundos de uma igreja sua casa e ali ele próprio atendia à porta a quem batia. Com certeza, nenhum brasileiro foi tão biografado. A maioria das obras é assinada por autores estrangeiros, embora ele tenha conseguido o milagre de ser profeta em sua própria terra. Integralista na juventude, progressista na idade

adulta, dom Helder sempre surpreendeu a quem quis enquadrá-lo em jargões. Sob a ditadura militar, dialogou com os generais que o censuravam na mídia e socorreu os perseguidos e os presos políticos na defesa intransigente dos direitos humanos.

Sua fama no exterior - entre brasileiros, só comparável à de Pelé - levou a Polícia Federal, sob o regime militar, a oferecer-lhe segurança.

Brasília temia que ele sofresse um atentado. Dom Helder disse aos policiais: "Não preciso dos senhores. Já tenho quem cuide de minha segurança". Os agentes pediram os nomes. Precisavam de registro nos órgãos oficiais. O bispo não se fez de rogado: "São o Pai, o Filho e o Espírito Santo".

Certa noite familiares aflitos procuraram dom Helder. Um homem tinha sido preso e estava sendo espancado na delegacia. O prelado ligou para o delegado: "Aqui é dom Helder. Está preso aí o meu irmão". O policial levou um susto: "Seu irmão, eminência?" Dom Helder explicou: "Apesar da diferença de nomes, somos filhos do mesmo pai". O delegado desmanchou-se em desculpas e mandou soltar o preso irmão do arcebispo. Filhos do mesmo Pai...

Assim era dom Helder, um homem evangélico, simples, sem firulas episcopais.

E como tinha muita fé, jamais conheceu o medo. E amou de todo o coração essa Igreja que tanto quis ver renovada e, no entanto, jamais concedeu-lhe o merecido título de cardeal.

Faltou este homem na galeria do Prêmio Nobel da Paz. Com certeza o futuro cumprirá a justiça de entronizá-lo entre aqueles que são venerados como santos.

"O DOM HELDER"

"... Té logo, Dom Hélder, padre da paz, voz dos excluídos, primor de humildade, "irmão dos pobres, meu irmão", como disse o Papa universal. 'Té logo, Dom Hélder, semente do bem, terror dos prepotentes, vida de Cristo, Sermão da Montanha, arcebispo do povo.

'Té logo, Dom Hélder, clamor dos humildes, evangelho vivo, pregador da Palavra,

LUIZ DE GONZAGA VASCONCELOS

instrumento do Pai.

'Té logo, Dom Hélder, fé sem fronteiras, irmão dos irmãos, Sinfonia de um Mundo só.

'Té logo, Dom Hélder, fragilidade no corpo, força no Cristo, docura no fel, o arbítrio inibido, profeta do Pai.

'Té logo, Dom Hélder, comunista de DEUS!"

"Difícil sempre e mais difícil nesta hora, dizer alguma coisa sobre o Dom que não já tenha sido ressaltada por todos. Palavras (e sentimentos especialmente), como amor, justiça e universalidade, definem muito bem o Dom. Outras, como ternura e força, também devem ser enfatizadas. E ainda, pastor, pai e irmão. Irmão de Deus, dos pobres e de todos nós que tivemos o privilégio de conviver com ele. Só resta uma certeza e um pedido: Donzinho, junto ao Pai, continue nos ajudando a viver, a lutar, a vencer o grande desafio que você nos deixou". LUCINHA MOREIRA

"Dom querido! Ajude-nos, lá do Silêncio de Deus, a manter viva e acesa a chama de seu grande ideal: vida digna para todos os seus irmãos e todas as suas irmãs que caminhamos, ainda, nesta Terra. Envie-nos, sempre sua inspiração. E desde já, muito obrigado!" Pe. JOÃO PUBBEN

"Pensar em Dom Helder é senti-lo na plenitude do conhecimento absoluto do Amor, é senti-lo no infinito afeto do Pai. Pensar em nós - que aqui ficamos neste "vale de lágrimas" - é confirmar que vivemos ao lado de um profeta, de um santo, investido na roupagem de homem, amigo, irmão, pastor, que nos conhecia a cada um de nós, aqui, no Recife, em nosso Estado, no Nordeste, em nosso País, na América Latina, nos países do chamado Terceiro Mundo. Enfim um homem sem fronteiras, que foi consumido até o momento da "partida", pelo Amor do Pai para com todos os irmãos.

Dom Helder, o peregrino que caminhou o seu caminho, nos legando uma grande fortuna de compromisso com o pensamento de Jesus". LEDA ALVES

"Dom Helder mostrou em sua vida o vigor do cristianismo no século XX, e sua mensagem nos indica o caminho para uma vida cristã plena no século XXI". INÁCIO STRIEDER



"Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem. O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância. Eu sou o Pastor, o bom pastor". (Cf. Jo 10, 9-16)

DOM HÉLDER: Jesus nos diz que ele é a porta, a porta do aprisco, do cercado. Por que temos, então, a freqüente tentação de sermos nós mesmos uma porta? Além da verdadeira porta, que é Cristo, queremos erguer também a nossa, pela qual será necessário, que passem nossas ideologias, nossas definições, nossas palavras!... Que pretensão! Basta-nos o Cristo! **Basta-nos uma só porta**, que é o próprio Cristo!

O Cristo nos diz, também, que Ele tem outras ovelhas. Numa de suas parábolas, Ele nos

(Retirado do Livro o Evangelho com Dom Hélder. Pág. 125,126 Ed. Civilização Brasileira 1987)

O ETERNO DOM DE OLINDA E RECIFE

O PENSAMENTO DE DOM HELDER

conta que deixa no aprisco as noventa e nove bem comportadas para sair em procura da centésima, que se deixou levar por seus caprichos ou, quem sabe, foi em busca de outro pastor....

Encontro amiúde frustradas, enraivecidas, furiosas mesmo, aquelas noventa e nove que se julgaram abandonadas pelo seu pastor. Por que se deverá preocupar ele com a centésima, aquela que seguiu seus caprichos? Ela não teria que ser como as outras, bem comportadas e tranqüilas?

Em verdade, somos como o irmão mais velho do filho pródigo. É muito comum o ciúme daqueles que permanecem fiéis, que jamais fazem escândalo, que jamais criam problemas para seus pais! Sim, podemos ser fiéis, leais, constantes, mas estamos repletos de orgulho... e como?!

Nosso pai prepara uma festa, um banquete para o miserável que desperdiçou a fortuna da família? É injusto! Como nos domina a tentação de conservar o pastor junto a nós, no aprisco, atrás de nossa porta...

NOTÍCIAS

-CAMPANHA PARA AS FRONTEIRAS – Foi iniciada uma campanha para restauração da Igreja das Fronteiras. Quem quiser colaborar, é só entrar em contato com a Obras de Frei Francisco. Fone: 421- 1076/231-5341

-CONCURSO DE FOTOS DOM HELDER CÂMARA – Os vencedores do Concurso "Fome de Justiça", promovido pela Associação dos Magistrados Brasileiros, foram divulgados na presença do Dom, no dia 09 de julho, nas Fronteiras. Os vencedores foram: em 1º lugar, "Sai de Cima", de Vanos Correia do Nascimento; em 2º lugar, "Admirável mundo novo", de Alberto de Souza e em 3º lugar, "Sonhos coloridos", de Eurico de Alencar Filho.

-ENCERRAMENTO - Foram encerradas oficialmente, durante a II Jornada Teológica do Recife, as comemorações dos 90 anos de Dom Helder Câmara. Impossibilitado de comparecer à Jornada, Dom Helder foi visitado em sua casa, por todos os palestrantes convidados: Leonardo Boff, Dom Gilio Felicio, Dom Waldyr

Calheiros, Pe. Marcelo Barros e Frei Betto.

-AÇÃO DE GRAÇAS – No dia 08 de agosto, o Grupo Igreja Nova participou da Missa em Ação de Graças pelo êxito da II Jornada Teológica do Recife, na Igreja das Fronteiras. Foram oferecer os frutos de seu trabalho ao seu mestre, Dom Helder.

-ANIVERSÁRIO DE PASTOREIO – No dia 15 de agosto, a Igreja das Fronteiras recebeu um grande número de amigos de Dom Helder, que com ele foram celebrar seus 68 anos de sacerdócio. Ao final da Celebração, Dom Helder foi homenageado pelo Maracatu infantil "Nação Frei Francisco", que brindou a todos com uma belíssima apresentação.

-LANÇAMENTO – "Ano 2000 - 500 anos de Brasil", é o título do livro lançado pela Obras de Frei Francisco, que traz uma visão de fé e amor nas mensagens fraternas de Dom Helder Camara. A organização e a seleção dos textos foi de Irmã Maria do Carmo Pimenta, rsj. Informações na Obras de Frei Francisco.

COMUNHÃO E CONTRADIÇÃO

REJANE MENEZES

"Ninguém se escandalize quando me vir frequentando criaturas tidas como indignas pecadoras. Quem não é pecador?" (Dom Helder, em seu discurso de posse na Arquidiocese de Olinda Recife, 12/04/1964.

A morte de Dom Helder, a sua passagem para junto do Pai, levou os mais diversos tipos de pessoas a comparecerem ao seu velório e ao seu sepultamento. Movidas pela emoção, pela admiração, pelo cumprimento de uma obrigação cívica, religiosa ou social, por curiosidade, pelo reconhecimento tardio ou não de seu trabalho, pela solidariedade, pela dor, pelo amor. O amor que ele sempre pregou e sentiu, durante toda a sua vida: por Deus e pelos irmãos.

Pena que, na última missa celebrada ao lado do corpo do Dom, a nós, leigos, não foi permitido participar da ceia. Lembrei-me de um canto que ouvi pela primeira vez em uma celebração na Paraíba, Pão da Igualdade, que diz em uma de suas estrofes: "**NO BANQUETE DA FESTA DE UNS POUcos/SÓ RICO SE**



SENTOU/ NOSSO DEUS FICA AO LADO DOS POBRES/ COLHENDO O QUE SOBROU.

Com certeza, se ali estivesse fisicamente, o nosso Dom ficaria ao lado dos que não puderam comungar. Ou, melhor dizendo, não permitiria jamais, que um só filho de Deus que assim o quisesse, deixasse de receber o comunhão. Que pena, perdeu-se uma boa oportunidade de testemunhar contradições em comunhão.

Ao final, mais uma participação para poucos escolhidos: entrar na catedral para assistir ao sepultamento. Não faz mal. Pelo menos para mim, não houve enterro. Houve uma semeadura. Foi plantada uma semente, que ao longo da vida foi ficando cada vez mais fértil e que vai brotar com vigor, seja qual for o terreno. Resta agora saber quem participará da colheita. E, sobretudo, quem vai espalhar as novas sementes?

HELDER, O DOM DE DEUS QUE O MUNDO GANHOU

MARCELO BARROS

Marcelo Barros, monge beneditino, é prior do Mosteiro da Anunciação e autor de 23 livros, sendo o mais recente A NOITE DO MARACÁ (ed. REDE) e a partir desta edição, passará a ser nosso colaborador.

Faleceu Dom Helder Câmara. Pode ser que, no Brasil, muitos da geração jovem não o tenham conhecido. Afinal, durante anos, esse bispo profeta teve o seu nome e sua palavra censurados pela ditadura militar. Pouco depois que aconteceu no Brasil a "abertura política", Dom Helder renunciou ao cargo de arcebispo de Olinda e Recife. O seu sucessor assumiu como tarefa destruir o que, durante mais de duas décadas, o Dom e a arquidiocese por ele guiada tinham realizado. Por amor à Igreja e para não ser causa de divisão nas comunidades, nos últimos anos, Dom Helder se impôs um silêncio que também foi profético. O que os militares não conseguiram, alguns senhores da hierarquia eclesiástica pareciam lograr: tornar esquecida e silenciada a profecia daquele a quem o próprio João Paulo II, quando visitou o Recife (1980), chamou de: "irmão dos pobres, meu irmão".

O Espírito de Deus confiou a grupos de leigos como o "Igreja Nova", o Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Helder Câmara (CENDHEC) e os que coordenam as "Obras de Frei Francisco" a missão de devolver Dom Helder ao mundo e o mundo a Dom Helder. De vários modos, esses grupos tornaram a voz e a vida do Dom novamente conhecida e escutada pelo mundo. Também possibilitaram ao velho patriarca ser libertado de anos de silêncio e, aos 90 anos, novamente exercer a sua missão de profeta.

O nosso querido arcebispo, que nunca aceitou ser chamado de senhor ou de "Dom", como título por ser símbolo de nobreza, foi verdadeiramente um dom de Deus para a humanidade deste século. Com ele, convivi e trabalhei por doze anos. Por ele, fui ordenado diácono e depois presbítero. Com ele, aprendi que o projeto de Deus é a unidade das religiões e culturas em função da paz e da justiça para a terra. Em 1970, ajudando-o a preparar-se para participar da Conferência das Religiões pela Paz em Kyoto (Japão), ainda o escuto dizer: "As religiões devem dialogar e caminhar juntas para ser a consciência ética da humanidade e o grito pacífico dos empobrecidos". Quis reunir grupos e pessoas com fome e sede de justiça no mundo inteiro, dizendo-lhes que mesmo sendo poucos e fracos, têm uma imensa fecundidade evangélica. Chamava-os de "minorias

abrâamicas".

Recordo-me do seu modo de ser bispo. Mantinha uma função própria e pessoal de profeta, com autoridade moral e responsabilidade de pastor, sem entretanto nunca se impor a ninguém. Uma vez, vi um padre agradecer-lhe o fato de que, em seus 21 anos de arcebispo, nunca tomou uma atitude autoritária, ou de rejeição a alguém, mesmo que essa pessoa o criticasse abertamente ou se mostrasse seu adversário. Foi essa fé na responsabilidade partilhada que o levou a fundar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Confederação Episcopal Latino-americana (CELAM), além de ter inspirado a criação da Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) e de tantos organismos de promoção humana. Ele, que nunca reteve para si o poder, viveu os seus últimos anos e morreu como o pobre que sempre quis ser. Ele dizia: "Gostaria de ser uma simples poça d'água para refletir o céu". Hoje, o seu féretro está no piso da pequena Igreja das Fronteiras, nome simbólico

do que ele queria que toda a Igreja fosse: um lugar de fronteiras aberto aos de fora. Guardo na memória a sua figura já alquebrada, na comemoração dos seus 80 anos, dançando com as comunidades pobres. Peço a Deus que nos dê novamente bispos e pastores capazes de dançar com o povo.

Já ao longe, nos últimos anos, acompanhei a sua campanha por um 2000 sem miséria. Em 1996, ele escreveu junto com o Abbé Pierre que o visitava no Recife:

"Temos mais de 80 anos e ainda há muitas coisas a fazer para recolocar em ordem o mundo. Com as pequenas forças que nos restam, continuaremos a combater contra a miséria".

Dom Helder faleceu um dia após a marcha que reuniu milhares e milhares de pessoas em Brasília num grande protesto contra o governo. Os jornais discutem se, na manifestação havia os cem mil previstos pelos movimentos populares ou se apenas os 40 mil calculados pelos governistas. Se pudesse, Dom Helder lhes repetiria hoje o que proclamava há vinte anos e, de fato, é a única coisa que tem importância: "Quem é despertado para as injustiças geradas pela má distribuição da riqueza, se tiver grandeza d'alma captará os protestos silenciosos ou violentos dos pobres. O protesto dos pobres é a voz de Deus".



COMENTÁRIOS

- "O senhor quer mesmo prestar uma homenagem ao Dom? Então não demita os servidores do Estado."

(Comentário feito por Jovem, ao governador Jarbas Vasconcelos)

- "Agora ele é o Dom da Paz, o Bispo Azul. Mas até bem pouco tempo, ele era o Bispo Vermelho". (Comentário feito por Edla, durante entrevista do vice-presidente Marcos Maciel, a uma



emissora de TV)

- "O senhor diga ao presidente da República que a melhor homenagem que ele pode prestar a Dom Helder é se engajar na campanha "Ano 2000 sem miséria" e levar adiante a luta dele pelos pobres". (Comentário feito por Zezita ao vice-presidente, quando este lhe levou as condolências do Presidente da República)

UM PREGO NA PAREDE

Nas paredes nuas
só um prego havia
de algum quadro que se
fora.

Para que mais
como convite à prece
se três pregos sustiveram
o Redentor do mundo?

MUDEZ DIVINA

Os homens
gastam-se tanto em
palavras
que não podem entender
o silêncio de Deus.

SE A GRAÇA NÃO ME ARRANCASSE PELOS CABELOS

o epitáfio seria ridículo:
afogado em copo d'água
que nem mesmo estava
cheio

AS PESSOAS TE PESAM?

Não as carregues nos
ombros.
Leva-as no coração.

NÃO TE ESQUEÇAS

Ao carro empacado
bastou um pequeno
impulso
dado por um carro amigo.
A almas cansadas e
vencidas
basta, por vezes,
ainda menos.

AFINADOR

Admirei e quase invejo
não tanto teu ouvido
privilegiado
que capta cada nota,
e sente em cada uma
o mais leve desajuste
o menor passo em falso...

Admirei e quase invejo
a fineza com que levas
notas dissonantes
a de novo se
harmonizarem....

À FORÇA NEM FELICIDADE

imediatamente,
ela passaria
a ter travo.

DOM HELDER GORETTI SANTOS

**Vai Dom, vai em paz
Dá a mão a tua querida
mãe
E vai ...
Vai contemplar a Face do
teu amado Pai
Vai, vai de cabeça erguida
Olha-o face a face.
Ele sabe que tu mantiveste
a Dignidade da coerência e
Fizeste da tua vida, a
Divina Vontade
Vai Dom, vai voando
Qual Pombo ...
A humanidade, tua irmã,
Chora a saudade do
Profeta,
Mas vai ...
Vai abraçar nossos
mártires
Vai encontrar Margarida,
Henrique,
Tito ...
Rever Betinho, sentar junto
a Gandhi.
Vai Dom, se juntar ao coro
dos santos
Não dos que foram
perfeitos, mas dos que
Ousaram sonhar e
acreditar num
Mundo de justiça e sem
misérias.
Vai Dom, que aqui a luta
continua ...
Vai meu Eterno Bispo que
sabe ser irmão,
E irmão é para sempre
Tua vida, é chama que
continua
Acesa no coração do
rebanho
Teu exemplo é o alimento
de Esperança.
Vai Dom, vai em paz
Vai pleno para o Amor de
Deus
Cumpreste bem a tua
missão
Foste sinal, fermento, sal
És luz ... És vida
És Dom do Amor de Deus.**

**- "Gostaria de que nos
únissemos em oração pela
alma bendita de Dom Helder
Câmara que agora se
encontra na Glória de Deus.
Obrigado meu Deus por
termos podido conviver com
tão precioso exemplo vivo de
Amor ao Pai. E que possamos
imitar-lhe os passos da
verdadeira espiritualidade.
Amém! Paz e Bem!" SANDRA
DE GEORGEAN VIEIRA**

PARTINDO ... PRA PODER FICAR SÉRGIO MENEZES

Ainda com a sensação de que fiquei órfão, própria dos que perderam entes muito queridos, começo a relembrar e refletir sobre alguns fatos que aconteceram durante os funerais do nosso eterno Dom.

Após uns poucos instantes de privacidade, para os que atuavam e conviviam mais de perto com o Dom fizessem suas orações e entoassem alguns cânticos, as portas da pequena Igreja das Fronteiras foram abertas para a imprensa, que encheu o ambiente com seus flashes, spots, câmeras, gravadores, procurando ângulos, posições, depoimentos e causando alguma confusão para o ambiente de um velório. Mas, passados estes momentos, a sensação era de que se deveria anunciar ao mundo que o Dom fora se encontrar com o Pai, coroando de glória, uma vida dedicada aos irmãos mais pobres e ao Evangelho de Jesus Cristo.

Tudo, ou quase tudo, foi feito seguindo as orientações dele ou no entender de que seria este ou aquele, o desejo e o espírito do exemplo do Dom.

Os cadetes, em traje de gala, foram polidamente recusados e, agradecendo a homenagem da PM, se fez ver que esta pompa não se coadunava com o jeito de ser do Dom.

Há que se ressaltar a atuação serena, mas firme do Pe. Edvaldo, que empenhado em cumprir a vontade do Dom, conduziu o velório de forma iluminada.

Foi difícil ver e ouvir a hipocrisia de representantes da ditadura, da direita e dos que venderam seus ideais para chegar ao poder, falar à imprensa sobre o pesar pela passagem do Dom, usando este momento para se promover e aparecer na mídia. Mas estes pagaram seu preço, tendo que ouvir comentários nada agradáveis aos seus ouvidos (Cf. pag 03).

E nesse time, houve até quem fosse impedido de se pronunciar nas Fronteiras, pelo canto dos presentes que, como pedras, insistiam em não se calar: "Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão".

A Sé era o território da hierarquia e em contraposição às Fronteiras, a pompa, as mitras e as autoridades, estavam cercadas e protegidas pela polícia e distante do povo. Alguns religiosos e religiosas resolveram ficar junto ao povo, com Jesus, dentro do espírito do Dom, ou seja, do lado de fora. Outros, ficaram dentro do cercado, para que pelo menos um mínimo do que o Dom acreditava, estivesse ali, naquele cercado. Alguns leigos eram impedidos de entrar, por uma barreira de cavaletes e de soldados. Mas logo eram colocados para dentro, por outra porta. E nestas ordens e contra-ordens, o cercado ficou cheio de hierarquia, burocracia, mitras, clero, leigos, religiosos e autoridades, aguardando a chegada do corpo, conduzido pelo povo, que a pé, percorreu mais de 10 quilômetros das Fronteiras até a Sé. Mas uma sabia decisão do Pe. Edvaldo.

Um capitão da PM se exasperava, perguntando como poderia proteger as autoridades, com um contingente tão pequeno? E eu me perguntava, proteger? "De quem"? Do Espírito Santo? Do espírito do Dom? Ou do medo que eles têm do povo? De repente, me vejo nos jardins da Sé, conversando com o núncio apostólico e um padre, sobre a vida e o exemplo de Dom Helder. E sinto, por breves momentos, que não há barreiras, não há hierarquias, só o espírito de fraternidade. O núncio vê em minha camisa a frase "Ano 2000 sem miséria", e comento com ele a bandeira que Dom Helder levantou.

Dom Alírio se retira do pequeno grupo, para conversar com Dom Marcelo Carvalheira e eis

que se aproxima de mim e do padre, ninguém menos do que Dom José Cardoso Sobrinho. E, é claro que sem ele saber com quem estava conversando (ah se ele soubesse!), mantivemos os três, um breve diálogo sobre o Dom e sobre o apoio da prefeita de Olinda, da qual o padre é pároco (que segundo o padre, é muito assídua nas missas). Em dado momento, vendo o cortejo que vinha lentamente pelo complexo de Salgadinho, Dom José comentou que o percurso era longo e que apenas 300 pessoas acompanhavam o cortejo naquele momento. Mais uma vez pensei: se 300 amigos me acompanhassem num trajeto tão longo, se alguns 1000 fossem ao meu velório e se outros tantos ficassesem 8 horas em pé, para ver o meu sepultamento, ah!, com certeza, a minha caminhada nesta vida teria valido a pena.

Finalmente, o corpo do Dom chegou a Sé, acompanhado não por 300, mas por milhares de pessoas que, se não caminharam de Recife a Olinda, o fizeram do Varadouro até a Sé. As coroas de flores são retiradas do caminhão, outras tantas são retiradas das mãos do povo, que as carregaram por 10 quilômetros, mas que não puderam entrar com elas pelo cercado.

As flores são arrumadas dentro da Sé e algumas, aos pés do altar. Ao final da celebração percebo que, por ironia ou por coincidência, a coroa enviada pelo Grupo Igreja Nova, estava aos pés do altar, onde concelebraram Dom Alírio, Dom José e Dom Marcelo, entre outros. Estava à cabeceira do Dom, enfeitando o seu descanso.

O caixão adentra o cercado sob palmas e o cântico do "bom pastor", coberto por uma bandeira do MST, para visível constrangimento de alguns poucos bispos, clérigos e autoridades, estes sim, precisando da proteção do cercado, para ficar longe do povo.

A missa de corpo presente segue "bonita" e pomposa, até a homilia feita por Dom Marcelo Carvalheiro que, sob a luz do Espírito Santo, fez uma pregação das mais comprometidas com a causa do Evangelho, do Povo de Deus, do Concílio Vaticano II, de Puebla, Medellim e Santo Domingo, do Dom, da IGREJA.

Em seguida, somos outra vez brindados com a força das Orações dos Fiéis, feitas por Pe. José Augusto, que sacudindo as nossas consciências, nos abriu os olhos para o compromisso do passado (os ensinamentos do Dom) com o futuro (o caminho a ser seguido).

Durante a consagração, peço pela união desta Igreja de Olinda e Recife.

Ao constatar a falta de partículas para a comunhão dos presentes, pensei: "E Jesus este pão da igualdade, viemos pra comungar/ com a luta sofrida do povo, que quer Ter voz, Ter vez, lugar. Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar. Com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar".

Mas, não importa não. Aquele povo que estava do lado de fora, já estava em comunhão, apesar da falta de partículas.

Alguém me perguntou como ficava a caminhada agora, sem o Dom. Respondi que este período desde a aposentadoria do Dom, serviu para apurar os ânimos das comunidades, como na forja do aço, onde o contraste entre o fogo e a água fria, melhora a temperatura, nos foram enviados espinhos, pedras e terra morta como solo, para testar a qualidade e a profundidade das raízes dos ensinamentos do Dom, para ver que sementes brotariam.

A caminhada continua, agora sob a responsabilidade de cada um de nós. É preciso que cada um tenha a consciência de sua responsabilidade, na construção do sonho que todos sonhamos juntos, enquanto aguardamos que nos seja enviado um outro pastor, um pastor para todos.



DOM HÉLDER CÂMARA E SUA GRANDE VIAGEM

WALTER PRAXEDES

Walter Praxedes é professor de sociologia da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, e co-autor, junto com Nelson Piletti, do livro Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia.

Dom Hélder Câmara partiu para a "grande viagem" que esperou e para a qual se preparou pacientemente nos últimos anos. Como co-autor de uma de suas biografias, nos últimos anos mergulhei num oceano de informações sobre o seu quase um século de vida. Sociólogo por formação universitária e profissão, enquanto redigia sobre sua vida constantemente chegava na fronteira entre a escrita de um texto objetivo e crítico e um mero relato elogioso sobre sua fascinante trajetória. Em meados de 1994, eu e o amigo e parceiro intelectual Nelson Piletti, após um estudo inicial sobre a atuação de Dom Hélder na área educacional, decidimos que escreveríamos a biografia de Dom Hélder. Na época, frequentemente eram lançadas novas biografias no mercado editorial brasileiro, mas a rica e singular trajetória de Dom Hélder continuava fora do alcance das novas gerações de leitores. Até hoje achamos incrível como os grandes e consagrados escritores católicos, alguns que construíram suas carreiras sob o abrigo do guarda-chuva aberto por Dom Hélder no interior da Igreja católica brasileira, não tiveram empenho para realizar, com todos os recursos e facilidades que teriam acesso, o projeto que levamos a cabo sem nenhum apoio financeiro ou institucional.

Como escrevemos no último capítulo do nosso livro, chegamos para entrevistá-lo numa segunda-feira, 12 de dezembro de 1995, no início da tarde. Dom Hélder

nos esperava sentado atrás de sua mesa de trabalho, na sala da pequena casa em que morou até a última sexta-feira, no fundo da Igreja das Fronteiras, em Recife.

Vestia uma batina branca e trazia no peito sua velha cruz de madeira - presente do hoje Arcebispo da Paraíba, Dom Marcelo Carvalheira, ainda nos tempos do Concílio Vaticano II, e que significava o seu sonho de ver nascer uma Igreja católica totalmente servidora, pobre e descompromissada com as elites endinheiradas e poderosas.

Era um primeiro contato. Conversamos por alguns minutos e o velho arcebispo quis mostrar-nos o presépio que fora montado em sua igreja. Caminhou vagarosamente à nossa frente e, com dificuldade, curvou-se para retirar o manto que cobria a imagem de Jesus Cristinho em sua manjedoura.

Contava-nos a história daquele pequeno presépio quando foi interrompido por uma das funcionárias das Obras de Frei Francisco, que



queria apresentá-lo a três turistas uruguaios que faziam questão de conhecê-lo. Antes de deixar-nos, porém, insistiu para que a imagem do Menino Jesus fosse novamente coberta.

Voltamos no dia seguinte às onze horas. Resolvemos iniciar a entrevista com algumas reminiscências de sua infância, oitenta anos antes. Pretendíamos que nos contasse sobre sua relação com a mãe Adelaide, as conversas com o pai e as pescarias com o irmão Mardônio, no estreito córrego que atravessava o terreno do sobrado onde morava, próximo ao centro de uma Fortaleza que o tempo levou.

- *Basta de mim, sobre mim... - reagiu serenamente, mas de forma incisiva, e continuou: Eu não sou importante. O importante é o Pai.*

- Resolvemos insistir, apesar de um pouco constrangidos com o pito que nos dera. O próprio Dom Hélder, gesticulando amplamente com os braços, deu prosseguimento à nossa conversa:

- *As pessoas se enganam pensando que eu tenho maravilhas... Eu não sou este maravilhoso. Sou uma criatura humana, um padre, um bispo. Não cabe a mim estar me preocupando comigo. Estão entendendo? Eu me preocupar comigo. Ah! Pára tudo! Pára tudo! O que estão dizendo de mim? Ah, não, não, não... Oh, sim, sim, sim... Deixo nas mãos de Deus.*

Impossível descrever a exuberância dos gestos tentados, a impostação de sua voz já crepuscular.

Perguntei, então, qual era sua preocupação, naquele momento.

- *Preparar-me para a grande viagem. Deus sabe o quanto ainda me falta. Não tenho ilusões. Eu sei a média de vida das pessoas e sei os anos que tenho. Nasci em 1909. É fácil fazer a conta e ver que estou com quase 100 anos. Não é? A*

"grande viagem" é uma maravilha, mas exige... De forma que não posso ficar preocupado comigo, comigo, comigo. Isso já é perder tempo. Temos de pensar nos outros. Agora os amigos estão querendo que me preocupe comigo. Entendem? Os amigos acham que sou eu que me conheço. Ah! Eu sou suspeito. Mas o que eu puder dizer a vocês eu direi de todo coração. Não vou fazer mistério dizendo que tal coisa eu não posso contar porque é secreta demais.

Na noite de sexta-feira passada, 27 de agosto de 1999, Dom Hélder Câmara partiu para a sua "grande viagem".

SEM COMUNHÃO E SEM BÊNCÃO

Durante a cerimônia de sepultamento de Dom Helder, causou estranheza aos presentes à celebração na Catedral da Sé, a ausência de pão para todos os participantes da Ceia Eucarística. Ficou em cada um, a dúvida sobre o que teria acontecido. Teriam os responsáveis feito uma previsão errada sobre a quantidade de pessoas presentes? Soube-se, no dia

seguinte que o arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso, determinou, que a comunhão só seria distribuída para o clero e para os celebrantes. Um bispo de São Paulo, Dom Celso Queiroz, recusou-se a receber a comunhão, por não haver comunhão para todos. O povo de Deus voltou para casa sem pão e sem bênção, pois, a missa não foi finalizada.

POEMAS DO DOM

SER SANTO

não é jamais pecar.
É recomeçar,
humilde e alegremente,
depois de cada queda.

LIÇÕES QUE NÃO NOS DEVEM ESCAPAR

Diante do colar

- belo como um sonho -
admirei, sobretudo,
o fio que unia as pedras
e se imolava anônimo
para que todos fossem
um....

MODELO INATINGÍVEL

Quem me dera
ser leal, discreto e
silencioso
como a minha sombra!

ÓTIMO QUE TUA MÃO

ajude o vôo...
Mas que ela jamais se
atreva
a tomar o lugar das
asas...

TODOS DEPENDEM DE TODOS

Basta
que um botão erre a casa
para que o desencontro
seja total.

UM DOS MEUS ANSEIOS

de chegar ao Infinito
é a esperança
de que, ao menos lá,
as paralelas se
encontrem!...

NÓS SEMPRE CARREGAMOS

pedras nos bolsos,
nas bolsas....Com que
facilidade julgamos,
condenamos e
apedrejamos!

AVISO A QUEM PROSPERA ...

Não é fácil
em corpo de cadilac
conservar
alma de jipe...

HÁ CRIATURAS COMO A CANA

Mesmo postas na moenda,
esmagadas de todo,
reduzidas a bagaço,
só sabem dar doçura...

FELIZ DE QUEM ENTENDE

que é preciso mudar
muito
para ser sempre o
mesmo...

NADA DE IDEAIS AO ALCANCE DA MÃO

Gosto de pássaros
que se enamoram das
estrelas
e caem de cansaço
ao voarem
em busca da luz...

PREÇO DA LUZ!

Aprende com a pedra
a lição do fogo:
sem profunda fricção
não irrompe das entranhas
a luz!

PERFEITO EM SEU LUGAR ANÔNIMO

o parafuso humilde, no
lugar exato
realiza a função prevista
e é
em seu posto e em seus
limites
tão útil e tão perfeito
como grandes estadistas
à frente de países

SOLIDÃO E SOLIDÃO

Não nos condenes
a ser sós
estando juntos.
Permita-nos
estar juntos
estando sós.

II JORNADA TEOLÓGICA DO RECIFE

BETE

"A Igreja de Olinda e Recife está viva!"

Este foi o sentimento, dos que promoveram e dos que participaram, da II JORNADA TEOLÓGICA promovida pelo nosso grupo. Os nomes dos palestrantes, a essência teológica de suas reflexões, os debates e a música, foram motivos suficientes para reunir uma média de 600 pessoas por noite, no auditório da FAFIRE, num grande reencontro da Igreja que sobrevive nas catacumbas.

Na primeira noite, Leonardo Boff fez uma releitura do seu primeiro livro "Jesus Cristo Libertador", atualizando-o no curso da história e confirmando-o na luta dos oprimidos e excluídos; na noite seguinte, Dom Gilio Felicio, com voz mansa e jeito humilde, encarnou a causa que defende - "Teologia do Rosto Negro" - ; a terceira noite foi de Dom Waldyr Calheiros, o testemunho vivo de um bispo comprometido com as necessidades temporais dos filhos e filhas de Deus, num tema atual - "Trabalho e Liberação" - que ensejou o conhecimento de sua atuação na defesa dos operários da CSN de Volta Redonda, na época da ditadura militar; Pe. Marcelo Barros, palestrante da quarta noite, defendeu em "Culturas em Comunhão Libertadora", um cristianismo que respeite as manifestações de fé nas religiões afro-brasileiras, "um diálogo que engatinha no Brasil, mas toma corpo nos países latino-americanos", ilustrado pelas suas experiências pessoais que impressionaram a todos; na última noite, Frei Betto correspondeu à expectativa de todos com o tema "Fé, Política e Liberação", demonstrando a face político-



teológica do cristianismo e o desafio, para todo cristão, que é sua fidelidade ao projeto salvífico de Jesus, pela oração e ação.

Todos os palestrantes fizeram referências a atuação de Dom Helder em cada um dos temas abordados.

Dom Helder, impossibilitado de estar presente à Jornada, enviou carta de apoio e incentivo à iniciativa, que foi lida durante a abertura do evento.

Ainda durante a Jornada, foi lançado o livro "Helder, o Dom", contendo 25 textos de teólogos brasileiros e estrangeiros, que falam de sua experiência com o Dom e de sua atuação pastoral e profética. Os textos foram organizados por Zildo Rocha, que faz a apresentação do livro.

Os eventos culturais: Meninos de São Caetano, Missa Afro-Brasileira, Quinteto de Cordas, Quinteto de Metais e Balé Perna de Palco foram a manifestação genuína de nossa cultura musical popular.

O GRUPO IGREJA NOVA continua recebendo cartas, e-mails e telefonemas de apoio e incentivo à sua esperança no Reino. Convidamos a todos para continuar a construção dessa Igreja libertadora, que está viva entre nós!

"Aquele que planta e aquele que rega são iguais; e cada um vai receber o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho. Nós trabalhamos juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus são vossos."

I Cor 3,8-9

O QUE ELES E ELAS DISSEERAM

"No início desse mês, dia 05 de agosto, estive com ele por um momento. Estava calado e parecia pouco lúcido. Mas, me fez sinal de que me reconheceu e quando lhe pedi uma palavra para o meu hoje, sussurrou, sem mesmo mover a cabeça: "Não deixe cair a profecia". Convido vocês a juntos mantermos este espírito. Um abraço de comunhão e esperança." O irmão - MARCELO BARROS

- "Santo Helder Câmara, rogai por nós! Eu que fico por aqui tendo a estar triste, mas tenho certeza que agora o Arcebispo de Olinda e Recife poderá fazer muito mais pela Igreja, especialmente a que está aqui no Brasil, do que vinha podendo fazer nestes últimos anos. Glória a Deus nas alturas, Paz na Terra aos homens de boa vontade! Que este novo santo de Deus olhe por este pobre pecador". EUGÉNIO HANSEN, RS

- "Vi a notícia e como todo brasileiro, digno do nome, fiquei muito triste.

Imagino vocês aí, que são realmente chegados. O que nos conforta é seu legado do qual vocês são herdeiros e responsáveis, abraços". WAGNER HOMEM

- SP

- "Lamento a passagem de Dom Helder Câmara, um brasileiro que dignificou o seu povo ao enfrentar com coragem o arbitrio, a ditadura e a opressão." LEONEL XIMENES

- "De repente só o silêncio, silêncio no fundo d'alma, no fundo do coração. A caminhada, o sonho precisam continuar. Um abraço", HENRIQUE

- "Amigos queridos, a PAZ DE CRISTO ! Estamos saudosos do nosso querido DOM HÉLDER CÂMARA, que DEUS o proteja junto a si, como ele bem mereceu. Gostaríamos de enviar nosso mais sincero e forte abraço solidário à família de nosso arcebispo amado. O Brasil e o mundo perderam uma criatura boníssima, um coração lindo, abençoado, alguém que deixou sementes de amor espalhadas nos campos e certamente muitas se tornaram árvores frondosas a doar sombra aos que necessitam, outras irão florescer com seus ensinamentos preciosos !!! Estamos tristes sim, mas cremos que nosso amado padre não gostaria de nos ver assim, por isso estamos nos esforçando para sorrir ao lembrarmos de sua feição angelical. Agradecemos a atenção que os amigos tiveram conosco desde o instante de nosso primeiro contato com vocês. Esperamos não perder este elo de ligação. Fiquem com DEUS e QUE DEUS O ABENÇOE, DOM HÉLDER CÂMARA !!! NÓS O AMAMOS MUITO !!!Atenciosamente," MARIA HELENA MARTINS BRAGA, LAIS MARTINS BRAGA- RJ

- "A igreja está de luto e órfã pelo falecimento de Dom Helder. Devido a este fato que entristeceu a Igreja Católica, venho por meio deste, enviar esta homenagem póstuma. PAULO MONTEIRO